

## O sentido do trabalho para o jornalista<sup>1</sup>

Cristiane Oliveira REIMBERG<sup>2</sup>  
Fundacentro/SP

### Resumo

Este artigo reflete sobre o sentido do trabalho para o jornalista a partir de 21 entrevistas realizadas com profissionais entre 25 e 82 anos para pesquisa de doutorado realizada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP. Perguntamos aos jornalistas - “O que é ser jornalista para você?”, para avaliar como eles veem a profissão e quais valores atribuem a ela, refletindo sobre a formação de uma identidade coletiva. Utilizamos a análise de conteúdo para analisar as entrevistas e tivemos a psicodinâmica do trabalho como referencial teórico. O sentido que o jornalista atribui ao seu trabalho é um dos fatores que permite a transformação do sofrimento vivenciado no trabalho em prazer.

**Palavras-chave:** jornalismo; sentido do trabalho; sofrimento; prazer; jornalista.

### Introdução

A análise apresentada neste artigo traz parte da pesquisa realizada para a tese de doutorado – “O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho”, orientada pela professora Alice Mitika Koshiyama, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP. Esse trabalho também originou o projeto “O cotidiano jornalístico: organização do trabalho, práticas, prazer e sofrimento”, realizado dentro do Programa de Organização do Trabalho e Adoecimento – Proort, da Fundacentro.

Realizamos 21 entrevistas semiabertas, um dos tipos possíveis de entrevista individual em profundidade, buscando um material qualitativo. Neste estudo, optamos por uma análise temática das entrevistas, que, segundo Bardin (2009, p.37) trata-se de uma análise dos significados. Buscamos abranger jornalistas de diferentes faixas etárias, que atuaram em meios de comunicação diversificados. Entrevistamos quatro jornalistas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e analista em ciência e tecnologia da Fundacentro, instituição de pesquisa sobre segurança e saúde do trabalhador do Ministério do Trabalho, email: [crisreim@yahoo.com.br](mailto:crisreim@yahoo.com.br)

entre 20 e 29 anos, cinco de 30 a 39 anos, três jornalistas do grupo de 40 a 49 anos, três jornalistas entre 50 e 59 anos, três jornalistas de 60 a 69 anos e três jornalistas do grupo com mais de 70 anos.

As entrevistas foram realizadas entre 10 de dezembro de 2013 e 21 de agosto de 2014, com os seguintes profissionais: Priscilla Nery Rocha (25 anos<sup>3</sup> – atuação em portais de internet e revistas especializadas sobre emergência, saúde e trabalho); Vivian de Oliveira Neves Fernandes (27 anos – radioagência NP e tabloide Brasil de Fato – SP); João<sup>4</sup> (27 anos – revista de informação e produção de conteúdo para empresa não pertencente à mídia); Aline Scarso (27 anos – radioagência NP, portal sobre direitos das crianças, jornal Brasil de Fato e TV Brasil); Pedro (32 anos – revistas especializadas, Folha de S.Paulo); Maria (33 anos – mídia alternativa, movimentos sociais e EBC); Bruno Torturra (35 anos – revista Trip e Mídia Ninja); Leonardo Sakamoto (36 anos – Editora Abril, blog no IG e UOL, ONG Repórter Brasil); Miguel (39 anos – sites e agência de notícias, TV e rádio CBN); Antonio (40 anos – jornal no nordeste, revista especializada e agência de notícias científica em São Paulo, *freelancer*); Ivan Marsiglia (43 anos – revistas Playboy e Trip, O Estado de S. Paulo); Fernanda Cirenza (49 anos – Folha de S.Paulo, revista Marie Claire, *freelancer*, Diário de São Paulo, revista Brasileiros); Paula Puliti (50 anos – Gazeta de Pinheiros, revista Saúde, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Diário do Grande ABC, Agência Estado); Marilu Cabañas (51 anos – rádios Guarujá, Bandeirantes, Cultura e Brasil Atual, além de passagem pela TV, no SBT); Bob Fernandes (58 anos – Rádio Jornal do Brasil, Veja, Jornal do Brasil, Folha de S.Paulo, Isto é, Carta Capital, Terra Magazine, Rádio Metrópole, TV Gazeta); Aureliano Biancarelli (63 anos – Veja, Jornal da Tarde, Folha de S.Paulo, *freelancer*); Lúcio Flávio Pinto (65 anos – Província do Pará, Veja, Isto é, O Liberal, TV Liberal, O Estado de S. Paulo, Jornal Pessoal); Ricardo Kotscho (66 anos – O Estado de S. Paulo, Folha de S.Paulo, Jornal do Brasil, Isto é, Época, Globo, SBT, CNT, Bandeirantes, Record, blog Balaio do Kotscho, e revista Brasileiros); Clóvis Rossi (71 anos – Correio da Manhã, O Estado de S. Paulo, Isto é, Folha de S.Paulo); Audálio Dantas (81 anos – Folha da Manhã, revistas O Cruzeiro, Quatro Rodas, Realidade e Negócios da Comunicação); Alberto Dines (82 anos – Revistas Visão e Manchete, jornais Última

<sup>3</sup> As idades apresentadas correspondem à idade que os entrevistados tinham na época da realização da entrevista.

<sup>4</sup> Os entrevistados apresentados apenas pelo nome próprio optaram por não serem identificados, assim criamos um nome fictício para representá-los.

Hora, Diário da Noite, Jornal do Brasil, Folha de S.Paulo, Editora Abril, El País e Observatório da Imprensa).

Neste artigo, abordaremos o sentido do trabalho para o jornalista por meio das respostas dos entrevistados à pergunta: “O que é ser jornalista para você?”. O sentido que o jornalista dá ao seu trabalho o ajuda a transformar o sofrimento presente no real do trabalho e na precarização oriunda da organização em prazer.

## **O sentido do trabalho**

O sentido que o trabalho tem para os jornalistas permite que eles suportem os sofrimentos do trabalho como precariedade na contratação, longas jornadas, pressão, adoecimento, dificuldades para a produção de notícias, entre outros, e consigam ter prazer ao realizar a sua atividade.

Vemos a relação de sofrimento e prazer a partir da teoria da psicodinâmica do trabalho, delineada por Christophe Dejours. O sofrimento faz parte do trabalho, e o prazer vem em um segundo momento, seja pelo reconhecimento dado ao produto do trabalho, seja pelo próprio sentido que atribuímos ao trabalho realizado. Segundo Dejours (1992, p.52), “o sofrimento começa quando a relação homem-organização do trabalho está bloqueada; quando o trabalhador usou o máximo de suas faculdades intelectuais, psicoafetivas, de aprendizagem e de adaptação”.

Quando o trabalhador usou todo o seu saber e seu poder na organização e não pode mais mudar a tarefa, emerge o sofrimento, que também ocorre quando há um embate entre os ideais da organização e do trabalhador. Mas o trabalho pode, por outro lado, abrir “as portas ao prazer” e desempenhar “um papel de mediador na construção da saúde” (DEJOURS, 2012, p.14). Essa dimensão transformadora do trabalho é latente no trabalho do jornalista.

A psicodinâmica do trabalho pleiteia em favor da hipótese segundo a qual o trabalho não é redutível a uma atividade de produção no mundo objetivo. O trabalho é sempre uma provação para a subjetividade, da qual esta sai sempre ampliada, engrandecida ou, ao contrário, reduzida, mortificada. Trabalhar constitui, para a subjetividade, uma provação que a transforma. Trabalhar não é apenas produzir, mas ainda transformar-se a si próprio e, no melhor dos casos, é uma ocasião oferecida à subjetividade de provar-se a si mesma, de realizar-se. (Ibid, p. 33-34)

Se o trabalho é capaz de construir o sujeito, ele também possibilita a construção de uma identidade coletiva, que percebemos existir entre os jornalistas. Segundo Coutinho (2009, p.193), a definição que um indivíduo faz de si mesmo decorre do reconhecimento de seu pertencimento a certos coletivos ou categorias sociais com as quais se identifica. Os jornalistas se reconhecem como tal e o “ser jornalista” faz parte de sua identidade.

As condições de trabalho são criticadas pelos profissionais, mas a visão idealizada da profissão é mantida, o que tem relação direta ao sentido que os jornalistas dão ao trabalho e ao significado que permeia o jornalismo. Traquina (2005, p. 27) explica que a ideologia profissional desenvolvida ao longo do tempo define o jornalismo como um serviço público que fornece aos cidadãos “a informação de que precisam para votar e participar da democracia e age como guardião que defende os cidadãos dos eventuais abusos de poder”.

Por outro lado, desde antes do século XIX, “o jornalismo tem sido um negócio e as notícias uma mercadoria que tem alimentado o desenvolvimento de companhias altamente lucrativas”. Esse polo “econômico” convive com esse outro “ideológico”, no qual “o jornalismo é visto como um serviço público em que as notícias são o alimento de que os cidadãos precisam para exercer os seus direitos democráticos” (Ibid., p. 126). Isso faz com que o trabalho tenha um sentido para os jornalistas, apesar das limitações e precariedades vivenciadas.

O trabalho pode ter diferentes conotações, como mostra Coutinho (2009, p. 192), que utiliza a classificação de Blanch: “polo negativo, centro do contínuo e polo positivo”. O primeiro vê o trabalho como “maldição, castigo, jugo, estigma, coerção, esforço, penalidade”. O segundo o coloca como instrumento para sobrevivência, e a terceira visão é do trabalho como “missão, vocação, caminho, valor, fonte de satisfação e” autorrealização. No jornalismo, prevalece essa terceira visão. Ribeiro (2001), Heloani (2003) e Travancas (1993) apontam, a partir das entrevistas que realizaram, a existência de sentidos como missão, paixão e adesão.

Ribeiro (2001, p. 140) avalia que “o elevado teor místico do ambiente jornalístico, que se cristaliza em torno de temas como missão e sofrimento, é alimentado pelas empresas e assimilado pelos jornalistas”, alertando que isso não corresponde mais à realidade de uma atividade que se industrializou. Para ele, “essa mística pode tanto ser

fator de resistência profissional como, transformada em fantasmagoria, contribui para uma *gloriosa* extração da mais-valia”. Nos depoimentos que colheu, salientou-se “uma tênue consciência de que o jornalismo tem uma missão superior a cumprir. Nas palavras de Raul Drewnick, ‘é comum se dizer que o jornalismo é um sacerdócio. O jornalista se dedica tanto à profissão que ela acaba sendo uma religião”.

Augusto Nunes também reconhece um forte elemento místico no jornalismo: “Nossa profissão tem elementos de seita; é uma certa forma saudável de loucura. Você não ganha tanto para ser tão obstinado e tão apegado à integridade, como ocorre aqui”. Ao afirmar, no entanto, que a mística é mais forte que as condições de trabalho, ele toca a ideologia empresarial: “Os jornalistas desmentem a história de que falta de dinheiro corrompe pois, mesmo com salários muito baixos, eles resistem à atração do poder. Isso tem alguma coisa de missionário...”.

A mística comporta uma forte dose de ascetismo e de valorização do sofrimento, que confere um glamour à exploração sofrida. O psicoterapeuta e jornalista Rui Fernando Barbosa afirma que “faz parte do meio profissional e é muito valorizada a situação de sofrimento; se o cara chega cedo, tem horários, ele já fica angustiado, porque o bonito na profissão é sofrer”. A analista Regina Mascarenhas avalia que a mística do “sacerdócio da notícia” é uma forma sutil de violência: “Os jornalistas trabalham 24 horas por dia. Numa festa, no bar, no cinema; há sempre uma pauta que pode sair desse ou daquele contato. A profissão ocupa tanto tempo que a pessoa não pode exercer seus papéis de homem, mulher, pai, mãe, amigo”. (RIBEIRO, 2001, p.142)

O autor (Ibid., p.130) mostra o uso do termo missão no Manual da Folha, na época do seu estudo, que foi realizado no início dos anos 1990: “Estando ou não em missão jornalística, os jornalistas são os ouvidos e os olhos do leitor”. Também aponta o uso do termo na fala de outros jornalistas, como Márcia Glogowski, que afirma: “...o jornalista tem uma ideia da sua missão, mas precisa amoldar-se à empresa” (Ibid., p.142).

O depoimento que Ribeiro (Ibid) colhe de Kotscho mostra que se alimenta uma paixão pela profissão. A paixão pela profissão também aparece nos resultados colhidos por Heloani (2003, 2005). “O que se conclui pelos depoimentos é que a maioria desses sujeitos simplesmente ama seu trabalho, são apaixonados pelo que fazem, fetichizam sua profissão” (HELOANI, 2005, p.166). Isso é mostrado nas falas colhidas pelo pesquisador:

*“Eu adoro. Eu adoro vir para o trabalho. Eu adoro e adoro mesmo. Então, eu acho que isso ameniza o meu sono.” (Sujeito 15)*

(...)

*“Eu amo o que eu faço e nunca mais eu largo ela (profissão) (...) Eu não consigo ver a S. sem ser a S. jornalista e eu não consigo ver a*

*jornalista sem ser a S. pessoa (...) Para ser jornalista tem que ter o dom, tem que gostar, gostar muito do que se está fazendo (...)*  
(Sujeito 1)

(...)

*“Eu gosto de Redação, apesar de sofrer. Eu acho que é que nem cachaça. Você vicia (...) O nível de adrenalina é muito forte, assim, e você vicia. Fica escravo dessa coisa.”* (Sujeito 6)

(HELOANI, 2003, p.55-56)

As entrevistas com jornalistas realizadas por Travancas (1993, p. 83-85) também mostraram uma centralidade do trabalho na vida das pessoas. “Vários entrevistados salientam que apesar do desgaste e corre-corre do dia-a-dia a carreira é gratificante, não só pela sua responsabilidade social sempre enfatizada, como pelas relações que ela possibilita.” Também falam de paixão, vício e adesão: “exige adesão de quem a escolhe. É como o vício, dá prazer a quem a ele se entrega”. A comparação com o sacerdócio e a medicina (especialmente os mais velhos) aparece nas falas dos entrevistados. A autora também alimenta essa mistificação e o afastamento de uma visão que olhe para os jornalistas como trabalhadores:

Essas atitudes são plenamente justificadas se levarmos em conta que não se trata de um simples ofício ou trabalho assalariado, mas uma ocupação de ‘outra esfera’. Por isso exige como ‘pré-requisito’ uma disponibilidade eterna e constante. Este ponto me remete a ideia de missão do jornalista, que estaria ligado a algo divino, a uma função concebida por algo exterior a ele, da ordem do sagrado.  
(TRAVANCAS, 1993, p. 86)

## **A visão dos jornalistas entrevistados**

Para refletir sobre o sentido do trabalho para os jornalistas, perguntamos aos nossos entrevistados: “O que é ser jornalista para você?”. Nas falas, não aparece a palavra missão, mas dois entrevistados da faixa dos 60 anos usam a palavra paixão e uma entrevistada na faixa dos 20 anos usa a palavra amor à profissão.

Em outros momentos das entrevistas, como na discussão sobre trabalho, vida e envolvimento, encontramos o termo paixão para se referir ao trabalho na fala de mais jornalistas: Alberto Dines, Audálio Dantas, Ricardo Kotscho, Marilu Cabañas, Maria e João. Ivan Marsiglia, Paula Puliti, Vivian Fernandes e Pedro usam a palavra gostar. Maria e Leonardo Sakamoto recorrem ao verbo adorar. Aparecem ainda termos como viciante e fascínio. Todos os depoimentos mostram muito envolvimento com o trabalho de jornalista, que ocupa uma grande esfera de suas vidas.

De forma geral, percebe-se que o imaginário sobre a profissão continua idealizado. Os sentidos de missão, vocação, papel a cumprir à sociedade estão implícitos nos discursos e gestos dos entrevistados durante toda a entrevista. Continua havendo uma adesão à profissão, e o trabalho dá sentido à vida dos jornalistas.

Para os jornalistas com mais de 60 anos, ser jornalista é atuar para a melhoria da humanidade, é ser testemunha da história, de seu tempo e dos mais fracos, promover a mudança pela informação, perguntar, contar uma história, ser auditor do povo, olhos e representante da sociedade, denunciar, buscar a verdade pela inteligência e ser apaixonado pelo que faz.

Alberto Dines define ser jornalista como “estar empenhado em retransmitir aquilo que a vida te dá”. Falar em vida, para ele, é falar da humanidade. “É uma das profissões mais humanistas que eu conheço, eu acho que não existe outra..., você está trabalhando para a melhoria da humanidade.”

Para Audálio Dantas, “ser jornalista é ser testemunha, é ser testemunha do fato, é ser testemunha do seu tempo, e ser, principalmente, testemunha dos mais fracos”. Ele afirma que o jornalista, que toma partido do mais forte, “deixa de ser jornalista, passa a ser um traidor da profissão”.

A palavra repetida por Dantas também aparece na fala de Clóvis Rossi: “É ser testemunha ocular do meu tempo. Essa é a graça da profissão”. E de certa forma está presente no raciocínio de Aureliano Biancarelli, que coloca ser jornalista como “ter a chance de acompanhar os fatos, ter o privilégio de tentar estar mais próximo das coisas que estão acontecendo, e de poder relatar, não a sua maneira, mas de qualquer maneira, com as suas palavras.” Ele também acha que o jornalista deve conservar o sonho de que é capaz de contribuir com alguma coisa, mudar algo.

Tem uma coisa que é muito clara pra mim que jornalismo é a profissão que eu queria de fato ter seguido... Estar em contato com temas diferentes, isso foi o principal, o que me cativou dentro do jornalismo é um sentimento que tem um fundo cristão, que é: dentro do jornalismo você teria como contribuir de alguma forma pro mundo em geral. Eu achava na minha juventude, que ser um comerciante, comprar uma coisa pra vender para o outro, não tinha sentido. O jornalismo tinha uma função na medida em que corria atrás de um fato, fazia uma denúncia, exibia uma situação que poderia ser modificada. Eu sempre acreditei nessa mudança pela informação – Aureliano Biancarelli.

Lúcio Flávio Pinto considera que “o jornalista é o auditor do povo. Ele se confunde com o trabalho do policial, que é sempre investigação, e se distingue por não

precisar usar a violência. O jornalista tem que usar a inteligência”. Ele sente falta da preocupação ética da profissão e se vê como um servidor público. “O jornalista tem que ter paixão”, e a experiência é fundamental para o exercício da atividade. “O jornalismo é a verdade baseada no exercício livre da inteligência”, conclui.

A paixão também aparece na fala de Ricardo Kotscho. “Não só no meu caso, eu acho que no caso da minha geração, era um negócio de paixão mesmo, de compromisso, e o jornalismo aos poucos foi se transformando numa profissão como qualquer outra.” Para ele, uma das definições é que o jornalista é aquele ser que pergunta. “Tem que perguntar sempre.” Mas critica o jornalismo atual em que “o jornalista muitas vezes já tem a resposta quando vai fazer a matéria e nem presta atenção no que o cara responde”.

Outra definição, dada por Kotscho, é ser os olhos da sociedade, o representante dela nos lugares para contar para as pessoas o que aconteceu. “Eu me coloco muito no lugar das pessoas. O que as pessoas gostariam de saber sobre aquilo? O que eu gostaria de saber?” E conclui: “O repórter pra mim é um contador de histórias. Histórias que você tem que descobrir, apurar e contar”.

As definições que aparecem no grupo de 50 anos são parecidas com a do grupo anterior: contar histórias de dentro delas (ser testemunha), conhecer a alma humana, dar voz a quem não tem, fazer algo pelas pessoas e ser útil. Uma que se diferencia é ser intermediário entre o público e a fonte.

Bob Fernandes, assim como Kotscho, reforça o lado contador de história do jornalista. “Eu gosto é de contar como os humanos se movem, vivem, agem em relação ao futebol, à política, à economia, tudo. Acho que é você ter a extraordinária e prazerosa oportunidade para conhecer a fundo a alma humana nas mais diversas situações.” Ser testemunha da história também aparece em sua fala: “Você tem a oportunidade como jornalista de ver aquilo dentro. Copa do mundo, eu era menino fanático por futebol, depois você está lá contando o que é uma copa do mundo”.

Paula Puliti considera o jornalista “um intermediário entre a fonte, que pode ser uma autoridade ou um especialista, e o público. Ele é uma ponte entre um e outro... Ele traduz um fato que pode ser de difícil entendimento”. Uma definição bem próxima ao trabalho que ela realizava atuando na área de jornalismo econômico.

A definição de Marilu Cabañas também se aproxima do tipo de cobertura que faz, voltada para temas sociais. Ser jornalista é: “Em primeiro lugar, ser útil. Tentar fazer alguma coisa pelas pessoas, dar voz a quem não tem voz. Isso pra mim é



fundamental, dar visibilidade para os que sofrem”. Ela se recorda de uma fala de dom Pedro Casaldáliga, bispo emérito de São Félix do Araguaia (MT), que lhe concedeu entrevista e disse: “Vocês jornalistas têm muita responsabilidade, porque os ricos têm advogados, os pobres têm jornalistas”.

Entre os jornalistas da faixa de 40 anos, repetem-se as definições de mediação, dar voz a quem não tem, transformação da realidade, denúncia. Novos conceitos aparecem, mas que vão ao encontro do que foi dito anteriormente, manutenção da democracia, aprendizado de responsabilidade, curiosidade pelo mundo e pelas pessoas, interferir nos poderes constituídos.

Antonio afirma que “o jornalista é o profissional que faz a mediação dos conteúdos especializados, mas isso não é permeado apenas por uma técnica”, inclui uma conduta, uma ética. É papel do profissional se preocupar com as implicações desse material simbólico à sociedade, ao leitor, sendo “fundamental nas sociedades democráticas e não democráticas também, apesar de tudo”. “Na minha opinião, o jornalismo é um elemento importante pra manutenção do princípio democrático num papel mais amplo. É o jornalista que dá voz a quem não tem voz, embora ele esteja também do lado do poder. É essa a dialética.” A denúncia de privilégios é outra característica do jornalismo que ele aponta.

Para Fernanda Cirenza, ser jornalista é aprender a ter muita responsabilidade. “Você tem que tomar muito cuidado com a informação, ela pode ser uma coisa explosiva. Eu acho que ser jornalista é um aprendizado de responsabilidade.”

Já Ivan Marsiglia afirma que ser jornalista “é ter curiosidade pelo que acontece no mundo e pelo que sentem e pensam as pessoas” e ter “a possibilidade de interferir nos poderes constituídos, não estando neles”. Ainda complementa que é “ser uma esfera de participação política e de transformação em algum nível da realidade”. Por outro lado, ele critica o fato de o jornalismo estimular uma postura cínica diante da vida. “Esse é um lado que eu achei sempre ruim da profissão, como se você tivesse que se dessensibilizar sobre qualquer tragédia humana ou você não pudesse jamais se emocionar por alguma coisa.”

O grupo de 30 e poucos anos também traz definições parecidas com as dadas anteriormente ou que complementam o que foi dito antes. Ser jornalista é ser cidadão que leva outros cidadãos a conhecerem seus direitos, expandir a consciência pública,

não ter ideias pré-concebidas, saber ouvir, ajudar a sociedade a se entender, exercer um papel político e social, fazer mediação e uma experiência com a vida.

Maria acredita que ser “jornalista é se entender primeiro como cidadão, não como um ser acima de ninguém”. Depois “se entender como um cidadão que pode ajudar outros cidadãos a entender seus direitos, entender o seu contexto na sociedade e melhorar a sua vida pessoal e da sociedade”.

Bruno Torturra diz que o jornalismo veio para ele como uma possibilidade de dar vazão à sua curiosidade e vontade de se expressar, mas com o tempo começou a entender a função social dele e um sentido coletivo, social e político. “É deliberadamente buscar a expansão da consciência pública. Fazer disso a sua profissão. Resumindo é isso jornalismo pra mim.”

Pedro avalia que ser jornalista é “tirar qualquer tipo de preconceito da sua cabeça, de ideia formada, e se abrir pra ouvir uma pessoa e tentar passar isso da forma mais honesta possível para outra pessoa”. Ele diz buscar mais ouvir do que comunicar e tentar não fazer um pré-julgamento.

Leonardo Sakamoto afirma que “ser jornalista é ajudar a sociedade a se entender”. Para ele, o jornalista é um ator político, social e econômico acessório, que garante informação e análise para a sociedade entender o que está acontecendo a sua volta.

Miguel também fala que o jornalista exerce um papel político e social, trazendo à tona temas para que a sociedade conheça, debata e trate. Ele retoma o conceito de mediação, que já havia aparecido nos grupos de 40 e 50 anos, acrescentado que esse papel é cada vez maior com a internet. Considera ainda que ser jornalista é uma experiência muito forte com a vida, por lidar com grande diversidade de assuntos, inclusive a morte e a tragédia. “Uma profissão, que apesar de todo desgaste, tem certo encanto por te dar a oportunidade de participar politicamente de discussões sobre certos temas e por te dar certa autonomia, que não é ideal ou total, mas é uma autonomia.”

Os profissionais da faixa dos 20 anos consideram o jornalista defensor da democracia, dos direitos, um dos promotores de transformações sociais, um ser curioso, questionador, aberto ao aprendizado, que ama a profissão, um idealista, que quer mudar o que é injusto e fazer algo para além de si mesmo.

Aline Scarso ressalta que o jornalista é a pessoa que vê algo e conta o que viu. “É um defensor da democracia”, que deve ser contra qualquer violação dos direitos. Já

João aponta não ter a visão romântica de que o jornalista vai mudar a sociedade, mas sim é um dos agentes que pode ajudar a promover transformações sociais.

Para Priscilla Nery, ser jornalista é ser uma pessoa curiosa, questionadora (no sentido de buscar o conhecimento), aberta ao aprendizado. “Tem que ser uma pessoa analítica, que pare pra pensar, pra você levar uma informação de qualidade, de um lado que não foi explorado pro seu leitor.” Deve traduzir a informação e querer transformar o seu meio de atuação.

Se você não quiser transformar o seu meio de atuação, você perde a razão da profissão. Na verdade, essa utopia nossa, essa idealização contribui pra gente melhorar o nosso trabalho, levar informações de qualidade, que façam as pessoas pensarem. Ser jornalista é isso: ser questionador, ter esse amor pela profissão, esse idealismo e querer transformar o seu meio de atuação – Priscilla Nery.

A idealização do jornalista também aparece na fala de Vivian Fernandes. “Jornalista é meio quixotesco, tem aqueles sonhos impossíveis e fica lá tentando.” Ela conta que desde a faculdade percebia que a maioria das pessoas pensava em mudar alguma coisa, fazer algo para além de si mesmo, mudar algo injusto.

Aí você vai vendo que não é possível ou pelo menos que é muito difícil ou que é muito lento esse processo. E mesmo assim você não desiste, você fica lá. Acho que o jornalista tem algo de diferencial das outras profissões, que é esse lado de querer mudar e dar a cara pra mudar... Acho quixotesco, mas é fundamental pra sociedade. Não teria como ter democracia na sociedade sem jornalismo e sem jornalistas – Vivian Fernandes.

Não se vê rupturas nos conceitos apresentados pelos jornalistas, em nenhum momento se contradizem, pelo contrário, complementam-se. Mesmo quando dizem não ter a visão romântica, reconhecem um papel de transformação. Os sentidos do trabalho do jornalista apresentados mostram a importância do jornalismo para relatar a história, desvelar o ser humano, informar a sociedade sobre direitos, questões sociais e políticas, dar voz a quem não tem e até ajudar a promover mudanças. O papel do jornalismo para democracia se repete em várias falas. Todos esses ideais dão sentido ao trabalho, mais do que isso, dão sentido à vida.

### **Considerações finais**

Nesse cenário, por mais que vivenciem limitações e sofrimentos, o jornalista os suporta em nome de um bem maior, pois acreditam que seu trabalho contribui para a

democracia e para a sociedade. Esses ideais o motivam a trabalhar e se dedicar ao jornalismo sem muitas vezes o enxergar como trabalho de fato. Por isso, o trabalho de jornalista, muitas vezes, se sobrepõe às outras esferas da vida.

Heloani (2003, p.52), em sua pesquisa, também mostra que “o ‘mundo da vida’, a esfera particular... se confunde com a própria atividade profissional”. Ele apresenta vários relatos de jornalistas que caracterizam o sentido do trabalho jornalístico para essas pessoas: “Eu sou jornalista o tempo inteiro. Vida pessoal e vida do trabalho, elas se interpõem”; “Eu acho que a minha vida profissional e o meu trabalho não são coisas díspares (...) A minha motivação de viver ta relacionada ao orgulho que tenho do que faço” (Ibid., p.53).

Toda essa dedicação e adesão só são possíveis pelo sentido que os jornalistas atribuem ao seu trabalho. Os entrevistados de nossa pesquisa, em diferentes momentos, demonstram grande envolvimento com o jornalismo. O sentido do trabalho para o jornalista, com todos os ideais da profissão e o que acreditam ser sua função social, ainda que nem sempre se consiga cumpri-los, ajudam a transformar o sofrimento no trabalho em prazer.

## Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

COUTINHO, Maria Chalfin. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, vol. 12, n.2, pp. 189-201, 2009.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

\_\_\_\_\_. **Trabalho Vivo II**: Trabalho e emancipação. Brasília: Paralelo 15, 2012.

HELOANI, José Roberto. **Mudanças no Mundo do Trabalho e Impacto na Qualidade de Vida do Jornalista**. São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, NPP – Série Relatórios de Pesquisa – Relatório n° 12/2003.

\_\_\_\_\_. Vivendo no limite: quem são nossos formadores de opinião? **REVISTA USP**, São Paulo, n.65, p. 148-168, março/maio 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13418/15236>> Acesso em: 6 abril 2011.

REIMBERG, Cristiane Oliveira. **O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais**: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho. São Paulo: ECA/USP - Tese (Doutorado), 2015.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre Alerta** - Condições e Contradições do Trabalho Jornalístico. São Paulo: Editora Brasiliense e Olho D'água, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, por que as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2. Ed, 2005.